

As escolas radiofônicas do MEB¹

Ana Baumworcel²

Este trabalho reflete sobre o funcionamento das escolas radiofônicas do Movimento de Educação de Base na perspectiva de avaliar as potencialidades e as limitações *dialógicas* na utilização do rádio na experiência de alfabetização e conscientização de camponeses nas áreas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, na década de 1960. A partir de entrevista com o ex-coordenador do MEB, Osmar Fávero e de bibliografia sobre o assunto discute o protagonismo da mídia sonora naquele momento histórico.

Palavras-chave: escolas radiofônicas; história do rádio; Movimento de Educação de Base

“Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. (...) Educar é substantivamente formar. (...) A curiosidade ingênua (...) ao criticizar-se, tornando-se curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão” (FREIRE, 1996).³

No início da década de 1960, dois importantes educadores, Paulo Freire, criador do método que revolucionou a alfabetização de adultos no país, e Osmar Fávero⁴, coordenador nacional, entre 1961 e 1966, do Movimento de Educação de Base, experiência bem sucedida de alfabetização e conscientização através do rádio, conversam, na ante-sala do gabinete do ministro da Educação e Cultura, Paulo de Tarso Santos, em Brasília, sobre a função do rádio na educação popular no Brasil. Em entrevista⁵, Osmar Fávero declarou que:

“Paulo Freire mostrava uns desenhos⁶ que tinham sido feitos para ele, quando eu disse que era do MEB, trabalhava com as escolas radiofônicas, e ele fez uma

¹ Trabalho apresentado no VI Congresso de História da Mídia, em maio de 2008, na UFF, Niterói, Rio de Janeiro.

² Jornalista, professora de Radiojornalismo do Departamento de Comunicação da UFF, doutoranda em Educação, coordenadora do GT História da Mídia Sonora da Rede Alfredo de Carvalho para a preservação da imprensa e pesquisadora do Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF.

³ FREIRE, 1996, p. 29, 33, 31.

⁴ Com 75 anos e respeitado por sua trajetória, Osmar Fávero ainda dá aulas no Programa de Pós-graduação em Educação na UFF. Segundo SEMERARO (2004, p.72), Fávero expressa uma forma peculiar de *intelectual orgânico com rara simbiose entre uma apurada sensibilidade popular, uma singular competência científico-pedagógica e uma concreta inteligência política dos sujeitos sociais e das circunstâncias que compõem a complexa história do país*. Ainda de acordo com o autor, Osmar Fávero consegue mostrar que *a riqueza do pensamento político-pedagógico brasileiro depende da estreita relação com a efervescência da cultura popular, que o rigor da pesquisa educacional deve estar enlaçado com as problemáticas socio-políticas do país* (Idem, p. 71). Atualmente, Osmar Fávero pesquisa a história da educação de jovens e adultos no Brasil. Foi presidente, no período 1985-1989, da ANPEd (Associação Nacional de Pesquisadores em Educação) e é editor da *Revista Brasileira de Educação*.

⁵ Entrevista à autora em 26 de março de 2007, no Rio de Janeiro

⁶ Dez desenhos feitos pelo artista pernambucano, Francisco Brennand, que representavam cenas da rotina dos sertanejos e seriam utilizados nas discussões sobre natureza e cultura nos círculos de cultura do Plano Nacional de Alfabetização, criado pelo MEC, no fim do ano de 1963 e implantado no início de 1964.

crítica pouco piedosa. Falou que as escolas radiofônicas do MEB eram como Saci. Só tinham uma perna de ida e não tinham outra perna para voltar. Claro, na perspectiva de diálogo dele”.

Fávero, na época, retrucou dizendo que o MEB recebia centenas de cartas, por mês, de monitores e alunos, que eram lidas e respondidas, ao vivo, nas emissoras radiofônicas, pelas professoras-locutoras. Mas Freire argumentou que isso não era diálogo.

Na conversa entre os dois educadores, encontra-se um dos cerne do debate que até hoje, quase cinqüenta anos depois, em pleno século XXI, ainda instiga os pesquisadores da mídia sonora. Ou seja, que tipo de interação é possível ao rádio proporcionar apesar de ser um meio de comunicação unidirecional? Qual o tipo de interação que foi construída nas escolas radiofônicas no Brasil? Teria a mídia sonora contribuído para o estabelecimento de uma relação *dialógica* no processo de ensino-aprendizagem do MEB? Este texto chama atenção para esta perspectiva.

Inserido na cena progressista antes de 1964 (DE KADT, 2003, p.13) e no *clima ideológico do desenvolvimentismo e populismo da época* (FÁVERO, 2006, p.21), o MEB foi criado após entendimentos entre o recém-eleito presidente da República, Jânio Quadros, e o arcebispo de Aracaju, D. José Távora, representando a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil⁷. O objetivo era desenvolver um programa de educação de base⁸, por meio da instalação de quinze mil escolas radiofônicas com recepção organizada nas zonas rurais das áreas subdesenvolvidas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O MEB foi além disso ao organizar comunidades para as *reformas de base, como a da estrutura agrária do país* (FÁVERO, 2006, p.4), e por ter dado, de 1962 a março de 1964, *tanta ênfase à conscientização-politização quanto à alfabetização* (FERRARI, 1968, p.152).

Considerado como a mais importante e ampla experiência de educação popular através do rádio com recepção organizada pela literatura sobre a história do rádio

⁷ Criado como entidade *de fins não lucrativos e filantrópicos, com prazo indeterminado e sede no Estado do Rio de Janeiro, vinculada à CNBB* (artigo 1º do Estatuto, IPEA/IPLAN, 1976, p.25), o MEB foi imediatamente apoiado pelo decreto nº 50.370, de 21 de março de 1961, e financiado pelo governo federal.

⁸ A educação de base era defendida pela UNESCO. Criada em 1947, a entidade estimula programas nacionais de educação de adultos para regiões “atrasadas”, visando à formação de atitudes e transmissão de conhecimentos. Além de aprender a ler, escrever, falar, ouvir, contar, os alunos teriam informações sobre agricultura, trabalhos caseiros, formação técnica para ofícios, noções de higiene entre outras para o progresso econômico (BEISIEGEL, 1974, apud FÁVERO, 2006, p.22). FÁVERO (2006, p.23) chama atenção para o *conceito parcializante* de desenvolvimento nos textos da UNESCO, que toma como padrão as nações desenvolvidas.

educativo no Brasil (LAGO,1969;HORTA,1972;MOREIRA,1991;PRADO PIMENTEL,1999, entre outros), assim como por pesquisadores da área de Educação que publicaram, no país, estudos aprofundados e específicos sobre o assunto (FERRARI,1968; WANDERLEY,1984; DE KADT,2003; FÁVERO,2006), o MEB esteve presente, entre 1961 e 1966, em quinhentos municípios de catorze estados⁹ e no território de Rondônia. Em 1963, mantinha em funcionamento 7.353 escolas radiofônicas sintonizadas nas 29 emissoras católicas que tinham audiência de oito milhões de pessoas e que irradiavam as aulas no início da noite. Nos cinco primeiros anos, alfabetizou diretamente, com auxílio dos monitores, 320 mil alunos matriculados na área rural. Tinha uma equipe de 500 pessoas e um Secretariado Nacional com 50 (Documentos do MEB apud FÁVERO, 2006, p. 6). Em 1968, recebeu um prêmio da UNESCO (PRADO PIMENTEL, 1999, p. 50). O MEB também estimulou a sindicalização rural, mas sobreviveu ao golpe de 1964 *devido ao fato de ser um movimento da Igreja* (FÁVERO, 2006, p. 5).

Em entrevista à autora, Osmar Fávero afirmou que houve pouquíssimas prisões de profissionais do MEB. No entanto, muitos monitores, líderes rurais e diretores de sindicatos foram presos depois de 1964. O ex-coordenador do MEB lembrou a prisão, depois do golpe, da professora-locutora Maria José, que ao iniciar a aula, na Rádio Educadora de Sergipe, disse: *até ontem a gente viu as contas de subtrair, que são as contas do pobre, hoje nós vamos começar a estudar as contas dos ricos, que são as de multiplicar*. No período de repressão política, muitos da equipe acabaram se autocensurando e depois de 1968, com o AI-5, houve uma *debandada* geral.

Além disso, uma parte dos exemplares da primeira cartilha impressa, *Viver é lutar*, que ligava alfabetização e conscientização partindo de situações reais da vida dos camponeses, havia sido apreendida ainda na gráfica pela polícia do governador da Guanabara, Carlos Lacerda. *Viver é lutar* sintetizava a ideologia do MEB: *Eu vivo e luto, Pedro vive e luta. O povo vive e luta. Eu, Pedro e o povo vivemos. Eu, Pedro e o povo lutamos. Lutamos para viver. Viver é lutar*, (primeira lição da cartilha). A décima oitava lição traz o trecho: *A lei diz que todos devem ir à escola. A lei diz: mas não existe escolas para todos. Xavier e sua mulher decidiram abrir uma escola em sua casa. Com a ajuda de outros abriaram uma escola radiofônica*. Na vigésima quarta lição: *Um*

⁹ Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso.

povo só marcha para a libertação, quando caminha com sua cultura. FÁVERO (2006) reproduz e comenta toda a cartilha.

Na época da censura, um discurso de resistência foi se criando nas “entrelinhas” das mensagens radiofônicas. Por exemplo, a Emissora de Mossoró anunciava a reunião do sindicato rural como se fosse festa de aniversário, de batizado ou de forró. *Claro que era possível que a festa ocorresse mesmo, mas mantinha-se isso como forma de comunicação e de mobilização para as reuniões que ocorriam paralelamente,* declarou o ex-coordenador do MEB. Este discurso era ouvido em emissoras de bispos progressistas e não se repetia em todas as rádios católicas na época da repressão política. A produção e locução das aulas eram feitas pelas professoras e os profissionais das emissoras ficavam com a parte técnica, só gravavam e transmitiam os programas. *Houve problemas entre as duas equipes em algumas emissoras e, depois de 1964, começaram a nos censurar por medo de perder a concessão,* afirmou Fávero, em entrevista à autora.

Experiências pioneiras

HORTA¹⁰ (1972) foi um dos pioneiros ao destacar a trajetória do MEB e, até hoje, seu “Histórico do rádio educativo no Brasil” é citado por pesquisadores. LAGO (1969) idealizou a primeira experiência de recepção organizada de educação por meio do rádio no Brasil que foi a Universidade do Ar de São Paulo¹¹, criada em 1947, pelo SESC e SENAC para comerciários. Os alunos se reuniam, em núcleos de recepção, para ouvir e debater as aulas radiofônicas com um professor - auxiliar e recebiam material didático de apoio pelo correio. Benjamin do Lago aprimorou, em 1950, seu plano, lançando as bases das escolas radiofônicas a partir de orientação para os núcleos de recepção¹². LAGO (1969), ao explicitar sua proposta, criticava o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE) da década de 1940:

O nosso método se caracteriza pela articulação do rádio com a escola. (...) A campanha, deste modo, sem prejuízo do contato direto com o aluno, através da escola, ganha, com o uso do rádio, larga possibilidade de extensão. (...) Mas não é um meio apenas de maior extensão. Isso aconteceria se fosse suprimido o

¹⁰ José Silvério Baia Horta, atualmente vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Amazonas, trabalha com a formação de professores indígenas.

¹¹ Uma emissora da capital paulista, em cadeia com outras onze de cidades do interior do estado, transmitia aulas de 30 a 45 minutos apresentadas por professores de português, aritmética, técnica de vendas, de economia política e de ciências sociais.

¹² Nos primeiros 30 minutos, o professor assistente, espécie de monitor que organizava os núcleos de recepção, dava explicações complementares ao assunto tratado na aula ouvida pelo rádio e num segundo momento organizava o debate.

contato direto com o aluno, se os alunos fossem invisíveis, como acontece nas aulas apenas pelo rádio. Mas não é este o caso¹³.

Em 1948, a Universidade do Ar de São Paulo abriu inscrições para os alunos ouvirem os programas em suas casas, o que fez cair o rendimento e provocou setenta por cento de reprovação (PRADO PIMENTEL,1999). Esta iniciativa fez os especialistas da época concluir pela necessidade da recepção organizada para a eficiência de um sistema rádio educativo. João Ribas da Costa¹⁴ também criou, em 1950, um plano de educação fundamental por meio do rádio que foi rejeitado por não prever o contato *direto* entre o professor e o aluno.

Frei Gil Bonfim apresentou, em 1955, às autoridades eclesiásticas um estudo para a implantação de uma rede de emissoras católicas no Brasil, visando à catequese e à educação popular. O frade franciscano inspirou-se na experiência do monsenhor José Joaquin Salcedo que criou, em 1947, a Acción Cultural Popular (ACPO) e a Rádio Sutatenza, na Colômbia. Com apoio governamental, financiamento norte-americano e cobertura da UNESCO, a ACPO tinha 7.500 escolas radiofônicas em 533 paróquias colombianas, em 1955 (FÁVERO, 2006, p.35). HORTA (1972, p.101) considerou o trabalho do frei Bonfim um *grito de alerta para que a Igreja entrasse no campo da radiodifusão, o que marcará uma nova fase na história do rádio educativo no país*.

Osmar Fávero considera a atuação da ACPO conservadora em relação à ação do MEB, pois *a conscientização era típica do Brasil*. DE KADT (2003, p.17), com seu estudo sobre os *Católicos radicais no Brasil*, mostra como o MEB se tornou parte do *amplo movimento progressista de inspiração católica, antes de 1964, formulando uma contribuição para uma proposta da “revolução brasileira”*, também defendida pela Juventude Universitária Católica (JUC) e, depois, pela Ação Popular (AP)¹⁵, assim como por outras forças de esquerda.

Influenciado pela experiência da Universidade do Ar de São Paulo de 1947, pela Acción Cultural Popular, na Colômbia, também em 1947, e pelo Curso de Alfabetização da Rádio Clube de Valença, cidade do interior do Rio de Janeiro¹⁶, COSTA (1956) reformulou sua proposta de 1950 e sugeriu, em 1956, um plano de alfabetização de

¹³ LAGO, 1969, p. 82-83, apud FÁVERO, 2006, p.34.

¹⁴ Ex-professor primário e ex-inspetor escolar na zona rural do Espírito Santos, João Ribas da Costa, era, em 1956, gerente de relações públicas da Philips do Brasil, que apoiava e divulgava sua iniciativa por interesses comerciais na venda de equipamentos para emissoras radiofônicas.

¹⁵ Fundada em 1962 a AP não tinha laço formal com a Igreja, mas contava com integrantes do movimento progressista católico.

¹⁶ Organizada por Geraldo Januzzi, em 1950, foi a primeira prática educativa de alfabetização de jovens e adultos, entre 14 e 30 anos, pelo rádio e contou com 168 alunos inscritos.

adultos e cultura popular por meio de uma cadeia de estações de rádios para 27 municípios do Nordeste do país, com recepção organizada. Argumentava que as escolas radiofônicas teriam custo menor, atingiriam mais pessoas e necessitariam de menos profissionais. Entre as preocupações, a qualidade da recepção, com atenção para a localização dos *rádio-postos* (núcleos de recepção) e para o funcionamento de aparelhos sintonizados *exclusivamente* nas emissoras do sistema¹⁷. Um ano depois, em 20 de maio de 1957, Costa apresenta, a pedido do Ministério da Educação, o projeto do Sistema Rádio Educativo Nacional – SIRENA, oficialmente instalado em junho de 1958 com onze emissoras transmitindo cursos básicos que eram gravados em discos, denominados na época como LP (*long-play*), para distribuição nacional¹⁸.

Muitas emissoras católicas tinham convênio com o SIRENA para transmitir os programas e criavam as escolas radiofônicas distribuindo os aparelhos receptores pelos párocos, que escolhiam os monitores. Muitas dessas emissoras vieram a integrar o MEB, que se organizou rompendo com a experiência do SIRENA, criticada pela *centralização da produção das aulas e pela inadequação às necessidades da população rural* (FAVERO, 2006, p. 37). As escolas radiofônicas da diocese de Natal, onde D.Eugênio Sales era o administrador apostólico, existiam desde 1957. O Sistema Rádio Educativo de Sergipe (SIRESE)¹⁹, instalado pela diocese de Aracaju por iniciativa do arcebispo D. José Vicente Távora, também precedeu a criação do MEB.

FERRARI (1968), ao estudar o papel da Igreja no desenvolvimento do Rio Grande do Norte, fez estatísticas sobre as escolas radiofônicas da diocese de Natal e usa a expressão *sede radiofônica* para definir o interesse de centenas de localidades do interior não só na alfabetização, mas também no trabalho de *conscientização*. No entanto, como lembra o autor, o balanço da coordenação central de Natal, em 1963, aponta que muitas escolas surgiram pela mera distribuição de rádios sem preparação das comunidades e treinamento dos monitores. Este documento registra, ainda, *ótimas*

¹⁷ A Philips, uma das maiores empresas produtoras de aparelhos de rádio na época, fabricou e vendeu os rádios, com recepção exclusiva em determinada estação, utilizados nas escolas radiofônicas. Estes aparelhos permitiam o controle da recepção, pois não era possível mexer no dial para ouvir outras emissoras. No entanto, em entrevista à autora, Osmar Fávero revelou que monitores do MEB, “muito vivos”, usavam chave de fenda para passar para outras emissoras para, por exemplo, ouvir o jogo de futebol aos domingos.

¹⁸ Em 1963, o SIRENA foi extinto e incorporado à Rádio Educadora de Brasília por ter tido uma preocupação maior com a instalação de emissoras e produção dos discos do que com a avaliação dos resultados educativos (PRADO PIMENTEL, 1999, p. 42).

¹⁹ O SIRESE dispunha de um complexo sistema de rádio educativo regional, com um centro de execução, um centro de treinamento, uma estação transmissora e uma rede de escolas radiofônicas sob a responsabilidade da diocese de Aracaju (IPEA/IPLAN, 1976, p.24)

*experiências no Setor de Politização*²⁰ e programas de grande aceitação no meio rural, mas critica a potência insuficiente da emissora (1 kw) e a interferência da Rádio Tupinambá, de Sobral, no Ceará. No ano de 1962, havia 16.133 alunos matriculados nas 1327 escolas radiofônicas em Natal segundo a pesquisa de Alceu Ferrari²¹.

FERRARI (1968) percebeu, em 1962, que 45% dos alunos matriculados nas escolas radiofônicas já eram alfabetizados e buscavam prosseguimento na aprendizagem. Mas constatou também o baixo nível intelectual de muitos monitores, a evasão (alunos que só fizeram a primeira série) apesar da frequência média diária de 75% de comparecimento aos núcleos de recepção. Este índice era mais elevado que o das escolas tradicionais do meio rural, em 1962. *De dia boto todo mundo no roçado e de noite na “Radiofônica”, ninguém escapa a não ser por doença*, declarou seu Severino a Alceu Ferrari²².

Os monitores das escolas radiofônicas da diocese de Natal, assim como de outros sistemas do MEB, eram voluntários recrutados no meio rural que passavam pelo Centro de Treinamento de Líderes, entre 1958 e 1960. A partir de 1961, o MEB realiza treinamentos especializados para os monitores. FERRARI (1968) esclarece que a maioria dos monitores era de jovens, com predominância do sexo feminino e que, inicialmente, havia um trabalho para complementar a alfabetização dos próprios monitores, pois a maioria só tinha a *primeira série primária*, como era chamado o ensino fundamental na época.

Pesquisas sobre o MEB

²⁰ Houve oposição dos patrões ao trabalho de *conscientização* e *politização* das escolas radiofônicas em vários locais, em função do combate ao *curral* eleitoral e do apoio à sindicalização rural (FERRARI, 1968, p. 159).

²¹ A maioria dos alunos era do sexo masculino (53%) e tinha entre 15 e 30 anos (49%). Ou seja, eram os excluídos do ensino tradicional, pois no interior *a partir dos 11 anos a enxada começava a subtrair as crianças da escola* (Idem, p.155) e o sistema radiofônico era, portanto, a única oportunidade de alfabetização.

²² Seu Severino, pequeno agricultor do interior do município de Santo Antônio, sob abrangência da Paróquia de São Pedro do Potengi (RGN), era monitor da *Radiofônica*, que funcionava na pequena sala de sua modesta casa, onde estudavam 10 pessoas de sua família e 3 da família vizinha (FERRARI, 1968, p. 156, 157). Muitas escolas funcionavam nas casas dos lavradores, além de igrejas, sindicatos. A maioria tinha iluminação inadequada (luz de candeieiros), falta de quadro negro, de mesas e cadeiras. Em alguns casos, os alunos ficavam em pé e apoiavam os cadernos contra a parede (Idem, p.159). Em 23 de dezembro de 1962 seu Severino Lourenço da Silva fundou, com a presença de 200 pessoas, o Centro Social Educador Santa Luzia, *criado pelo povo, os moços fizeram tijolos, campanhas da telha, carregaram muita água para a fabricação do tijolo, cada um deu Cr\$ 50 para despesas de pilha, antena... em frente fizeram uma capela*, conta, em carta, o monitor Severino (Idem, p.184).

WANDERLEY (1984), em *Educar para transformar*, enumera, entre os interesses da Igreja na criação do MEB, inicialmente, a evangelização²³, a instrução religiosa, o prestígio e influência a partir da posse de estações de rádio, assim como, num segundo momento, a preocupação por parte da cúpula progressista da CNBB quanto à política agrícola de integração ao desenvolvimento, quanto às injustiças sociais no campo, entre elas o analfabetismo, e quanto à necessidade de transformação da sociedade.

DE KADT (2003) estuda o MEB em busca das multifacetadas inter-relações, influências e conflitos de um movimento de esquerda especificamente cristão no Brasil e destaca as relações de clientelismo e populismo no contexto histórico da época. Entre os interesses do Estado na criação do MEB, sugere a ampliação do número de eleitores, pois o analfabeto não votava²⁴, a necessidade de restringir o poder clientelista das oligarquias rurais²⁵ e a influência de grupos de esquerda, como as ligas camponesas, além da erradicação do analfabetismo como alavanca para o desenvolvimento econômico.

Ao analisar a prática educativa do MEB, FÁVERO (2006, p. 271) sistematiza a ideologia do Movimento e defende que:

Se a análise da realidade era fragmentária, parcial, faltando um referencial para interpretações globalizantes e científicas, a ação do MEB obrigava ao conhecimento, a crítica e a superação das estruturas de dominação (...) Como movimento educativo e organização cultural, o MEB divulgava uma concepção de mundo, em áreas de tensão social, que negava a possibilidade da conjuntura capitalista dos países subdesenvolvidos criar um mundo para todos os homens.

No entanto, Fávero considera, em seu livro (p.272), ingênua a crença do MEB de que a educação pudesse mobilizar os camponeses para transformar a estrutura

²³ *Os alunos assistiram, pelo rádio, com a comunidade, todos os atos da Semana Santa, com muita atenção, como se estivessem na Igreja*, trecho da carta enviada pela monitora Francisca Mendes e Silva, da escola radiofônica da Fazenda Jacu, Santo Antônio, Rio Grande do Norte, 7/4/1962 (FERRARI, 1968, p.185). Em entrevista à autora, Osmar Fávero esclareceu que em alguns sistemas educativos radiofônicos se rezava antes das aulas, mas isso foi mudado, em 1963, com a criação de um programa específico de catequese para outra clientela, aos domingos. Era chamado de *missa sem padre* e contava com a colaboração da Rádio Nacional que gravava em grandes fitas rolo enviadas para as emissoras católicas pelo correio. O Novo Testamento chegou a ser dramatizado em capítulos. A programação para as escolas radiofônicas deveria ter um caráter laico como o Estado que a financiava.

²⁴ *Existe gente aqui que tinha título e rasgou, dizendo que não votava mais nunca. Escutando os programas, estão qualificados para novos títulos*, carta da monitora Hilda, Quirambu (RGN), 23/05/1963 (FERRARI, 1968, p.194). O autor (p.157) conta que *Dona Emília, monitora semi-analfabeta, única eleitora de sua localidade, preparou, em dois anos, 10 eleitores (com 11 eleitores já não foi difícil interessar o prefeito para a fundação de uma escola municipal)*.

²⁵ *Fiz 8 eleitores e todos votaram consciente: não venderam voto a ninguém, que não deixei. Aqui quase todos vendem seu voto, trocam por vestido ou sapato ordinário, mas os meus eleitores não receberam nada. Votaram livre para melhorar o país*, carta da monitora Maria Nazinha Xavier, Salgado (RGN), 10/11/1962 (FERRARI, 1968, p.188).

econômica social, mas acredita que a prática do MEB como *conscientização, no sentido de formação de consciências, e como politização, em termos de organização de grupos de base, incentivou a participação popular*, convertendo-se numa original *Pedagogia da participação popular*.

Aulas ao vivo e cultura popular

Em entrevista, Osmar Fávero lembrou que a primeira vez que ouviu as aulas do SIRENA numa escola rural, numa tapera, à luz de lamparina, percebeu que não havia possibilidade de alguém do campo entendê-las e, apesar do MEB receber influência das experiências rádio educativas anteriores, admite que:

O MEB representou uma ruptura. Criou uma produção de programas radiofônicos descentralizada pelos estados, por micro-regiões, com aulas ao vivo. Uma vez, a professora-locutora Maria José, de Sergipe, foi surpreendida, pelo pessoal que veio do interior para a feira, foi visitar a emissora e viu que não havia uma sala de aula com alunos lá. Então, ela parou de inventar personagens e passou a incorporar, com entrevistas ao vivo, os que iam visitar o estúdio.

Para Fávero um dos diferenciais do MEB foi a introdução da cultura popular nas aulas radiofônicas com os cantadores nordestinos, os poetas, os cordelistas. Foi o impacto do contato direto com a realidade rural, com as comunidades interioranas, com a criatividade de alunos e monitores nas dramatizações, cânticos, poesias, artesanato que desvendou um ângulo novo como meio básico no processo educativo, esclarece WANDERLEY (1984, p. 324). Havia uma efervescência cultural no país no início da década de 1960. Era a época do Movimento de Cultura Popular²⁶, do Centro de Cultura Popular da União Nacional dos Estudantes²⁷, entre outros. Era uma época de liberdade de expressão e de mobilização dos movimentos sociais (do operariado urbano, dos

²⁶ Criado em 1961, por intelectuais como Paulo Freire, Paulo Rosas, Abelardo da Hora, Germano Coelho e outros, o MCP de Recife teve a virtude de colocar a educação dentro de um movimento social profundo como expressão da cultura; é a primeira vez que se trata a cultura popular não como folclore, mas como forma típica de vida e expressão do povo. Em segundo lugar, passa a trabalhar o processo educativo a partir da cultura popular e inova o material didático, com a publicação, em 1962, do *Livro de leitura para adultos* de Norma Coelho e Josina Godoy, inspirado na cartilha das brigadas de alfabetização de Cuba. São instaladas *praças de cultura* e criados *centros de cultura*, que traziam as expressões populares típicas do Nordeste, como bumba-meu-boi, festa de São João, reisado, pastorinhas. Recife viveu um período de enorme efervescência, em todas as artes: pintura, escultura, cerâmica, teatro, música, cinema. (FÁVERO, 2008, p.8, Introdução).

²⁷ Era um projeto de intelectuais de classe média para trabalhar a formação de consciência política operária e estudantil. O carro-chefe do CPC foi o teatro: teatro de rua, teatro questionador, Teatro de Arena de São Paulo, onde se formou uma geração importante, como Oduvaldo Viana Filho – o Vianinha, Paulo Pontes, Augusto Boal, entre outros (FÁVERO, 2008, p.10, Introdução).

estudantes, das ligas camponesas, dos sindicatos rurais) por seus direitos. A cultura e a educação popular se inserem neste contexto.

Monitores participativos e animação popular

Depois de apresentar o contexto histórico, as contribuições de pesquisadores e como funcionavam as escolas radiofônicas, voltamos à questão central deste trabalho. Qual o tipo de interação construída nas escolas radiofônicas no Brasil? Em entrevista à autora, Osmar Fávero aponta uma pista. Segundo o ex-coordenador, paradoxalmente, um dos *momentos nobres* do trabalho ocorreu, ainda nos primeiros anos da ditadura militar, quando as emissoras eram mais vigiadas e o MEB avaliou que as escolas radiofônicas *não davam conta da prática educativa* e começou a intensificar um contato mais direto com as comunidades rurais através da *animação popular*²⁸. Foi uma saída possível numa época de censura que acabou criando maior interação entre os atores do processo educativo.

Nesse momento o rádio deixou de ser o principal elo e a atuação do monitor ganhou mais importância na ligação entre a escola e a coordenação do sistema. Integrante da comunidade e sem remuneração, o monitor inicialmente era “nomeado”, mas depois escolhido pelos próprios camponeses. A forma como liderava as discussões sobre os temas da aula radiofônica poderia vir a contribuir para que as visões das bases exercessem influência nos diversos níveis de direção do sistema educativo.

Experiência matriz da animação popular, Goiás passou a fazer o planejamento da programação radiofônica com os líderes rurais, com os próprios monitores. Era um movimento de mão dupla, os monitores organizavam os diálogos com os alunos nas escolas radiofônicas do interior, gravavam, pois nessa época o MEB e o CPC de Goiás trabalhavam juntos, e depois reproduziam estes diálogos no estúdio quando iam visitar a emissora católica na capital.

Mas aos poucos o discurso de mudança da sociedade para a resolução dos graves problemas rurais foi sendo substituído pelo de cooperação comunitária. DE KADT (2003, p.17) reafirma que houve mudança da perspectiva de conflito entre classes para cooperação dentro de uma classe (o campesinato) e que mesmo a cooperação e o desenvolvimento de comunidades eram vistos como atos suspeitos depois de 1964.

²⁸ Da educação “restrita” à alfabetização, passa-se a uma educação “ampliada”, e dessa ao trabalho comunitário (FÁVERO, 2006, p. 207). A equipe de Caicó (RGN), por exemplo, criou núcleos, além da escola radiofônica, para aprofundar o trabalho nas comunidades de forma que elas assumissem mesmo sua organização, como registra documento do MEB (1965, p. 4 apud FÁVERO, 2006, p.205).

Com a apreensão do livro *Viver é lutar*, o MEB produziu, em 1965, o conjunto didático *Mutirão*²⁹, que foi *criticado por substituir o conceito de conscientização pelo de cooperação* (FAVERO, 2008). No entanto, neste mesmo ano, o MEB amadureceu, reorganizou o trabalho do sistema radio educativo³⁰ e, a partir dos treinamentos no Maranhão (único estado que não tinha uma emissora católica e como alternativa desenvolvia trabalhos comunitários) e dos encontros em Goiás, sistematizou a animação popular como um modo de ação direta nas comunidades. O *Programa 1965* (p.9) conduz a uma participação do monitor³¹ no planejamento das atividades didáticas, contribuindo para ligar o trabalho escolar através do rádio à animação das comunidades *em atitudes de abertura para o social e para a ação organizada*.

FÁVERO (2006) lembra que uma ação complementar ao sistema radiofônico, de contato direto com as bases, diálogo com o povo, atitude não-diretiva, descoberta de líderes para organizar a autopromoção comunitária já faziam parte das metas do MEB desde o início, mas foram intensificadas apenas depois do golpe. DE KADT (2003, p. 19) critica a acentuação metodológica da não-diretividade³² - fidelidade aos princípios derivados do modelo de dinâmica de grupo na qual o líder não deve intervir no processo pelo qual o grupo chega a decisões - que somada às circunstâncias políticas que tornavam a ação impossível, favoreciam lentas discussões não dirigidas cujos resultados eram mínimos, e considera que isso acabou esvaziando o Movimento no Nordeste, mas acredita que o trabalho de “humanização” do MEB entre os camponeses nos estados da região Amazônica, menos politizados na época, pode ajudar em relações sociopolíticas “mais saudáveis”.

²⁹ Ziraldo ilustrou essa série reproduzindo os bonecos de Vitalino.

³⁰ O *Programa 1965 para as escolas radiofônicas* rediscute os objetivos e a trajetória do MEB até aquele momento, enfatizando que o trabalho não se esgota na alfabetização, mas que visa a conscientização, a motivação de atitudes e a instrumentização que permita ao educando buscar a promoção humana por seu próprio esforço, sabendo analisar, construir sua autonomia e se organizar, enfim, tornando-se sujeito, agente, de sua própria história e não objeto. Destaca que as aulas radiofônicas deverão partir da situação concreta do educando, criando situações problemas dramatizadas que engajem o aluno emocionalmente e estimule atitudes. “Toda aprendizagem conduz a uma atitude e a uma ação” (MEB, 1965, p.9).

³¹ O maior engajamento dos monitores trouxe críticas importantes para o entendimento da complexa realidade do campo, com diferenciações nas formas de produção (pequeno proprietário, meeiro, assalariado rural). Os monitores questionavam: *será que cada aula ou programa significa uma situação problema para o camponês? Distinguir o sujeito do predicado é um problema importante para essa população? Trabalho* foi a palavra-chave escolhida para representar a situação problema básica.

³² Técnica adaptada da teoria psicanalista desenvolvida nos Estados Unidos para dinâmicas de grupos. De KADT critica esta técnica por considerá-la uma interação de *maneira desestruturada* que limita a atuação do líder e esclarece que, antes de 1964, a perspectiva revolucionária de revolta do pólo dominado se sobrepôs à técnica não-diretiva. O pesquisador lembra que somente quando certos tipos de fatos estão disponíveis que certos tipos de decisões são possíveis (idem, p.320). Ele considerou esta técnica perda de tempo, além de confusa e ineficiente. DE KADT acredita que as circunstâncias de restrição política depois de 1968 contribuíram para a implantação da não-diretividade.

Perante a técnica de não-diretividade de alguns e a doutrinação de outros, vários monitores conseguiram estimular uma relação de diálogo no processo de ensino-aprendizagem em algumas escolas radiofônicas. E acreditamos que foi a interlocução deste tipo de monitor-líder, treinado pelos coordenadores do MEB para organizar a participação dos alunos, o maior diferencial desta experiência de educação e conscientização pelo rádio. O documento do MEB (1965, p.9) sobre as escolas radiofônicas enfatiza que:

Especial atenção foi dada às dificuldades e limitações que o rádio impõe como meio de comunicação. Essas limitações têm levado o MEB à elaboração de uma “pedagogia radiofônica” não ainda nitidamente sistematizada. Por outro lado, tem forçado o treinamento dos monitores para esta tarefa, qualificando-os, em terra que só o rádio atinge. (...) Tudo isso tem garantido ao MEB uma metodologia própria, metas muito específicas, atividades de pedagogia radiofônica próprias e uma realização original de Educação de Base.

Acrescentamos que a *pedagogia radiofônica* do MEB modificou a trajetória histórica do rádio educativo no Brasil.

Referências Bibliográficas:

COSTA, João Ribas da. *Educação Fundamental pelo rádio*. São Paulo: Imprimatur, 1956.

KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

FÁVERO, Osmar. *Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB (1961/1966)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

_____. DVD, *Memória da educação de jovens e adultos (1947-1966)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

FERRARI, Alceu. *Igreja e desenvolvimento: o movimento de Natal*. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire, uma história de vida*. Indaiatuba, São Paulo: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HORTA, José Silvério Baia. “Histórico do rádio educativo no Brasil (1922-1970)”. In: *Cadernos da PUC* (10), Rio de Janeiro: PUC, 1972.

IPEA/IPLAN. *Rádio educativo no Brasil: um estudo*. Brasília: IPEA/IPLAN, 1976.

LAGO, Benjamín do. *Radiodifusão e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Livraria Cultural da Guanabara, 1969.

MOREIRA, Sonia Virginia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

PRADO PIMENTEL, Fábio. *O rádio educativo no Brasil: uma visão histórica*. Rio de Janeiro: Soarmec Editora, 1999.

SEMERARO, Giovanni. “A construção do Estado democrático e popular na época do poder imperial”. In: GOULART, C., SELLES S. E RUMMERT, S. (org). *Dimensões e horizontes da educação no Brasil: ensaios em homenagem a Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta e Osmar Fávero*. Niterói: Eduff, 2004.

TORRES, Camilo. *Lãs escuelas radiofônicas de Sutatenza-Colômbia*. Bogotá: CIS, 1961.